

CENTRO DA MODA

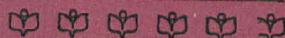
GRANDE ATELIER DE ALFAIATARIA

Fundado em 1878

DIRIGIDO PELO SEU PROPRIETARIO

J. M. Mendes d'Abreu

É um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortimento de fazendas de lã, seda
linho e algodão nacionaes e estrangeiros o que ha de
mais moderno em objectos de fantasia, não se innume-
rando pela sua diversidade. 

Vende a retalho por preços sem competencia

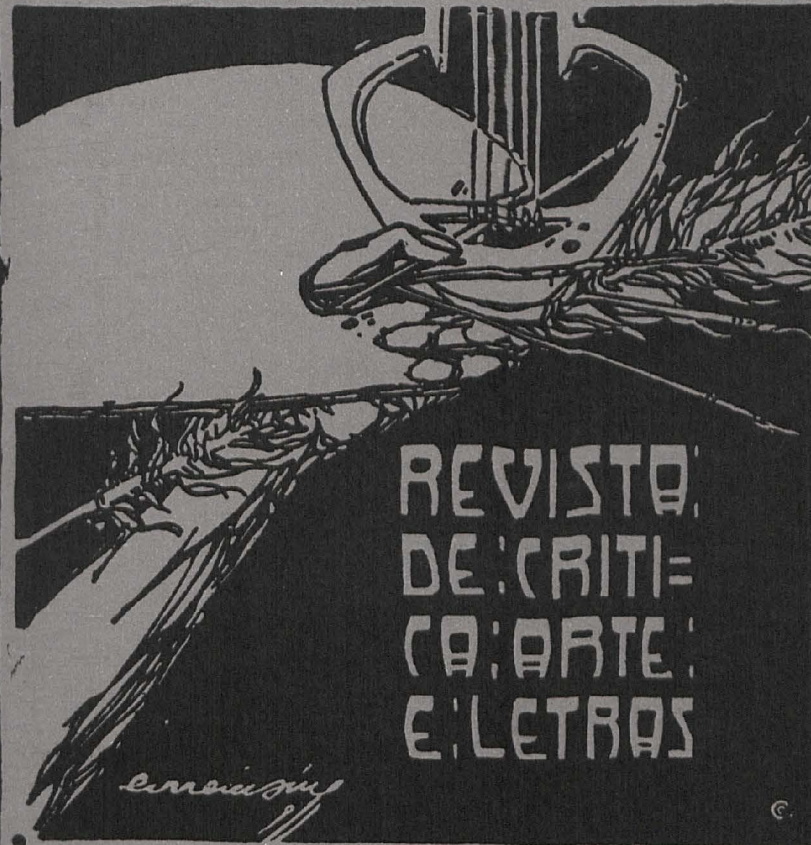
ENVIAM-SE AMOSTRAS FRANCO DE PORTE

COIMBRA == 64, Rua Ferrelra Borges, 68



== VAGO ==

A: ROTADA



REVISTA
DE CRITI-
CA: ARTE:
E LETRAS

DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTERO
DO QUENTAL :: PROPRIETARIO E EDITOR: MOI-
TA DE DEUS :: ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA ::
SEC.: MARIO VIEIRA :: COMPOSTA E IMPRESSA
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUÁRIO COMMERCIAL
:: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 :: LISBOA ::
DEPOSITARIA: LIVRARIA NE-

COIMBRA
2º ABRIL
1912.º N.º
SERIE 1.º

PREÇO
100

SUMARIO DO N.º 2

1.ª SERIE

o o o o o CAPA POR
CORREIA DIAS o o o

Dialogo d'amor — Por Manuel Laranjeira	1
O cavador — Por Joaquim d'Almeida	7
Virgens peçadas — Por Vergilio Correia	9
Theophilo Braga e os poetas portuguezes — Por João de Barros	12
A um poeta — Por Joaquim Martins Manso	14
O pavão, o peru e o gallo — Por João de Deus Ra- mos	19
Carta a Affonso Duarte — Por Estevam Correia	22
Hora crepuscular — Por Augusto Casimiro	26
Elegia do cavador — Por Affonso Duarte	29
Livros — Por Nuno Simões	30
Chimeras — Por Motta Cabral	32

DESENHOS

Antonio Joyce — Desenho de Correia Dias	3
Arma de defesa... — Desenho de Almada Negrei- ros	17
Dois amantes — Desenho de Christiano Cruz	27
Pão nosso de cada dia... Dezreísinhos, sôr doutor — Desenho de Correia Dias	30

VINHETAS POR
CORREIA DIAS

GRAVURAS DE o o o
o o PIRES MARINHO
o o MIRANDELLA o o
o o o IRMÃO o o o

CONDIÇÕES :

Os escritos e desenhos são da respon-
sabilidade dos seus auctores.
E' respeitada a ortografia dos cola-
boradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção,
dirigir a MARIO VIEIRA; á Administra-
ção a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇOS: Serie (6 numeros):

Portugal e colonias	600 réis
Brazil, assignatura directa. 2\$500 >	
Numero avulso	100 >

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Sempre illustrados, sendo o desenho e
gravura por conta da Revista.

POR NUMERO

1 pagina	6\$000
1/2 "	3\$500
1/3 "	2\$500
1/4 "	2\$000

Por serie, contrato especial; além dos espaços
vagos os «anunciantes» podem contar com mais fol-
has que serão adicionadas quando necessarias.

PAPELARIA :

Papeis nacionaes e estrangeiros de todas
as qualidades e de phantasia. Livros em
branco e riscados. Artigos de escriptorio,
desenho a oleo, aguarella, pyrogravura e
photominiatura, etc.

Variedade em artigos para brindes

TYPOGRAPHIA :

Bilhetes de visita e de loja, facturas,
memoranduns, recibos, circulares, envelo-
pes, relatorios, theses, minutas, etc.

F. CARNEIRO & C.ª

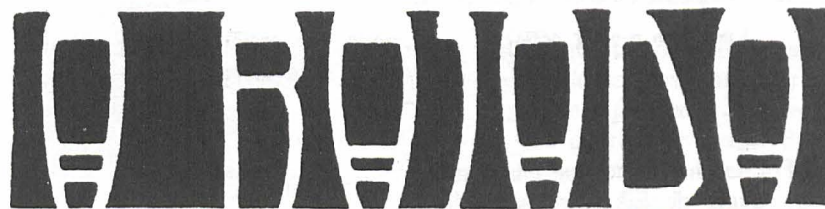
47, Rua Nova do Almada, 49

LISBOA

N.º 2

COIMBRA ABRIL

1912



DIRECTOR LITERARIO: EDITOR E PROPRIETARIO: DIRECTOR ARTISTICO:

Affonso Duarte *Maria Viegas* *Correia Dias*

Dialogo d'amor :

LINA, cogitando ainda:

ESSA desgraçada... (lançando
os braços ao pescoço de
Turcifal, diz com voz sup-
plicante :) Beija-me mui-
to! (Turcifal toma-lhe a cabeça entre
as mãos e beija-a repetidas vezes
na bocca, nos olhos. Ella com voz
lenta e voluptuosa murmura :) As-
sim! Muito! (Desafogando um gran-
de suspiro de felicidade :) Ah! Se o
papá soubesse como «essa desgra-
çada» é feliz! (Com uma grande
alegria ruidosa, infantil :) E vamos
a saber: lá pelo Porto, pensaste
muito em mim?

TURCIFAL, fingindo um grande desdem:

Não!

LINA, com uma censura carinhosa:

Ruim!

TURCIFAL, tomando um ar muito
despreoccupado:

Pensei em ti uma vez, e isso por-
que uma cigana me fallou de ti.

LINA, admirada:

Uma cigana?

TURCIFAL

Parecia cigana. (Tirando do dedo
um anel de Eibar :) Vês este anel?
E' muito bello, não é?

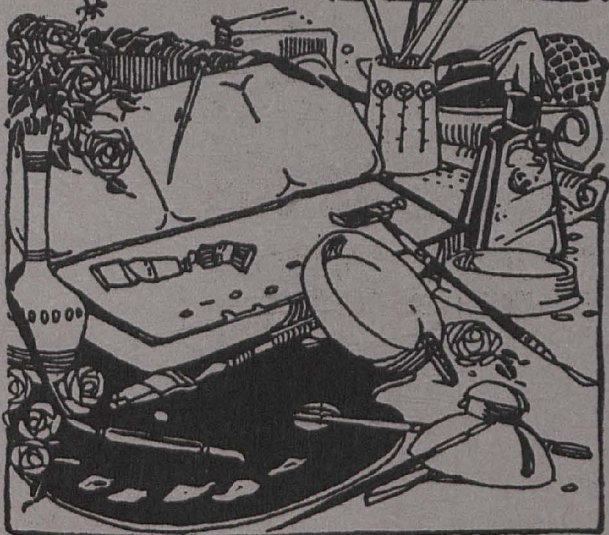
LINA, com enthusiasmo:

E' sim!

TURCIFAL

Vendeu-m'o uma cigana, quando
eu estava a almoçar. E sabes por-
que o comprei? Porque a cigana me
disse que o comprasse p'ra ti, —
p'ra te dar a felicidade.

LA BÉCARRE



: DIALOGO D'AMOR :

suspiro e diz num ar vago de intima saciedade:

Sim, isto me basta! Na vida não ha outra felicidade senão esta.

(Senta-se num sofá apertando nas suas as mãos de Lina, que se senta no tapete debruçada sobre os joelhos delle a fita-lo num verdadeiro encantamento physico. Turcifal fita o horizonte e afagando com os labios as mãos de Lina diz com voz lenta:)

Que tarde soberba!

LINA

Passei-a quasi toda á beira-mar.

TURCIFAL, beijando-lhe as mãos muito de mansinho:

E que fizeste?

LINA

E' facil de adivinhar: pensei em ti, na nossa felicidade... Enquanto a pequena corria, descalça, pela areia, eu punha-me a recordar as coisas carinhosas, que tu me dizes quando lá nos vamos sentar juntos...

TURCIFAL, com um sorriso enigmatico:

... Depois, sem querer ficaste triste...

LINA, apurmando o torso:

Que havia de ficar triste? Se eu era tão feliz!

TURCIFAL, com o mesmo sorriso:

A tristeza de quem é feliz, meu amôr...

LINA, com surpresa:

... A tristeza de quem é feliz!?

TURCIFAL, sorrindo sempre:

Sim... A felicidade ás vezes tambem cança e entristece. A tristeza de quem é feliz e se lembra de repente, sem querer que a sua felicidade pode acabar. Assim como uma aza negra que passe a perturbar a claridade da tarde. *(Inclinando-se para ella de maneira a fallar-lhe mesmo junto ao rosto:)* Imagina: é-se feliz; é-se plenamente feliz; tem-se a alma cheia de contentamento e luz; e de repente uma ideia negra e ruim atravessa o nosso espirito e turva-nos quanta ventura nós temos. *(Aprumando o torso, diz com inflexão de intima amargura:)* E então a gente sem querer suspira de tristeza e de saudade: de tristeza ao pensar quanto tempo durará a nossa felicidade: de saudade... que se ha-de ter, quando a felicidade acabar... Isto é a tristeza de ser feliz. *(Num gesto de canção:)* Mas peor ainda é o desgosto de ser feliz.

: DIALOGO D'AMOR :

A felicidade assusta porque se pode perder e até porque pode durar sempre. A felicidade ás vezes tambem exgotta os nervos e fatiga a alma. E' então que a gente parece sentir cá dentro — o grande canção de ser feliz.

LINA, empallidecendo:

Tens medo da sociedade?

TURCIFAL

A's vezes tenho. Filha, eu creio que o que torna a felicidade tão saborosa é sobretudo o medo que temos de a perder...

LINA, com voz alterada:

Não! Essa duvida não me entrou nunca na alma. Eu tenho tanta fé na nossa felicidade, tanta, que... o Senhor me perdoe, mas eu não tenho tanta fé em Deus, como neste nosso amor, como nesta grande felicidade que tu me dás.

TURCIFAL, com voz surda:

Filha, não peças ao amôr a felicidade que elle nunca deu a ninguém. A felicidade que o amôr dá é sempre desgraçada.

LINA

Feliz desgraça! *(Turcifal tem um gesto de fadiga.)* Pois que nos ha-de dar o amôr senão a felicidade?

TURCIFAL

Dá a illusão da felicidade. A felicidade — não. A felicidade — se existe — é indestructivel. A illusão qualquer triste realidade a desfaz.

LINA, pondo-lhe uma mão na bocca:

Cala-te! doe-me a alma de ouvir-te blasfemar assim. E' como se tu quizeses fazer-me perder a fé no amôr. *(Com fogosa energia:)* Mas não perco!

TURCIFAL, acariciando-a com mãos languidas:

Fé no amôr... Tens fé no amôr? e porquê?

LINA

Porque tenho fé em mim, e sobretudo porque tenho fé em ti, mais fé em ti do que em Deus... Muito mais! A fé em Deus só me podia salvar; e por ti, eu era capaz de me perder...

TURCIFAL

E se eu mentisse? Mente tanta gente!

LINA

Não mentes! Não tens alma disso! Não podias ainda que quizeses. Mentir-me? Enganar-me a alma? Enganar uma alma, e uma alma que nos ama e cré em nós absolutamente,

: DIALOGO D'AMOR :

seria uma maldade maior do que matar uma creancinha que nos adormecesse nos braços. Tu não eras capaz d'um crime d'esses!

TURCIFAL

Se essa fé fosse inabalavel! Se essa fé fosse certeza! Então poderias dizer verdadeiramente, que eras feliz. A certeza pode dar a felicidade, a fé dá apenas a illusão da felicidade.

LINA, com fé e paixão:

Experimenta!

TURCIFAL, erguendo-se bruscamente:

Ah! não! isso não!

(Encaminha-se para uma janella do fundo; voltando-se:) Que esta

(Da peça ALMAS ROMANTICAS, por concluir.)

fé nos baste! (Tornando ao sofá:) E' que a certeza em amôr, filha, adquire-se quasi sempre quando já é tarde para ser feliz. A's vezes custa a vida.

LINA, singellamente:

Embora.

TURCIFAL, fita-a um momento surpreendido ante a simplicidade da resposta, depois ergue-a nos braços e leva-a consigo até uma das janellas do fundo:

Olha bem para mim! Quem é que eu trago nos olhos? Quem é que vive dentro delles? Quem é que tu lá vês?

(Lina, num impeto de jubilo atira-se-lhe ao pescoço. Turcifal com ar alegre diz:) Pois contentemo-nos com isto...

: MANVEL LARANJEIRA :



::: O CAVADOR :::



o duro montado cintila uma espada

Num gesto de guerra:

E' aço que sangra num cabo de enxada

Os seios da terra.

E os braços nodosos que a agitam abertos

A' crua batalha

Parecem tisonados, parecem cobertos

De negra mortalha.

Os olhos cavados e o rosto de engelhas,

Que frutos de dôr!

E ao lado caminham tranquilas ovelhas,

Tranquilo pastor.

Requeima-lhe a fronte o suor que o alaga

E cóspe nas mãos...

Ai quantos na vida que bem se lhes paga,

Felizes irmãos.

E o rude gigante que a enxada afogueia

Nos montes alem,

Embora por vezes sem lume nem ceia

Que sonhos que tem.

— Agora na mente lhe paira a lembrança

Dum sonho que teve

E nota consigo num rir de creança

A terra mais leve.

«Sonhei que fui trigo nascido nos montes

— Que sonho, meu Deus!

Fui trigo regado com aguas das fontes

E nuvens dos ceus.

E o dono mirava-me de olhos risonhos
 — Que riso nos olhos!
 E ao ver-me tam lindo crescia-lhe em sonhos
 Aos centos de molhos.
 E eu tanto gostava de o ver a sorrir
 Que em ano nenhum
 Deixava de dar-lhe, na eira, ao medir
 Cincoenta por um.
 Quem via e palpava meu corpo tam grado,
 Dizia consigo:
 — Que cheio, que lindo! Bem vale o dobrado
 Do resto do trigo.
 E o bom do moageiro que entam me comprava
 No proprio celeiro
 Lá ia contente, na venda sonhava
 Mais grosso dinheiro.
 E em breve, que massa de neve que eu fá
 Ao Paço dos Nobres!
 Mas ai que tristeza que eu antes queria
 O seio dos Pobres.

: JOAQUIM D'ALMEARA :



E quantos teem
 entrado no Mu-
 seu do Instituto
 de Coimbra,
 esse precioso
 exemplo de
 quanto póde o
 muito amôr
 de poucos, á Arte, ninguem por certo
 deixou de sentir a atenção solicitada
 logo na primeira sala, pela magni-
 fica galeria de imagens goticas que
 lá se quedam deslumbradas da luz,
 saudosas dos nichos emsombreados e
 recolhidos das suas velhas igrejas.
 A todas se avanta a *Virgem pe-
 jada*, bela escultúra do seculo xiv,
 em cujas roupagens de panejamentos
 superabundantes se reconhecem
 ainda os vestigios da pintura poli-
 cromica com que o medievo imagi-
 nario a recamou.

Essa figura, apesar do afastado
 da epoca e do nosso habitual atraso
 é um belo exemplo do progresso do
 trabalho da pedra em Coimbra na
 Idade Media; apresenta vida e rea-
 lidade na expressão dolorida e ex-
 pectante da face, no gesto quebrado
 da mão que aconchega o ventre in-
 tumescido, no avançar inquieto e
 suplicante do outro braço. Estava na
 Sé Velha, e o seu pedestal forma-
 vam-no as mães atribuladas, que em
 romaria se lhe rojavam aos pés.

Não é a unica que existe no dis-
 trito; em Montemór-o-Velho, no san-
 tuario romanico de Santa Maria da
 Alcaçova que o bispo de Coimbra

D. Jorge d'Almeida refundiu no *la-
 ter gothic*, outra *Virgem pejada* re-
 pousa, ao abrigo da absída esquerda,
 envolta na meia luz indistinta que
 tomba da rosacea da frontaria.

Pelo resto do paiz aparecem tam-
 bem, nos velhos presbiterios roma-
 nicos e goticos, e até já fui encon-
 trar uma na capela de S. Pedro de
 Balsemão, o mais precioso relicario
 da arte e arquitetura visigotica, en-
 tre nós. Chamam-lhe lá a Senhora
 da Pena, e a tres kilometros ape-
 nas, em Lamego, uma imagem con-
 gènere é a Senhora dos Meninos.

Disse-me um dia o Dr. Teixeira
 de Carvalho, que existia outra em
 Evora... E quantas mais não ha-
 verá por essa bem dita terra de Por-
 tugal, onde sempre houve mães an-
 ciosas, no sacrificio doloroso da ma-
 ternidade!

No intento de descobrir mais al-
 gumas ainda, dei-me um dia a per-
 correr os tomos do *Santuário Ma-
 rianno*, e não foi de todo infrutifero
 o meu jornadear pelas resmas do
 seu papel amarelecido. Encontrei a
 primeira noticia em Torres Novas,
 onde o auctor dizia da senhora do
 O' que se encontrava na igreja ma-
 triz, em Santa Maria do Castelo:
 «He esta santa imagem de pedra;
 mas de singular perfeição. Tem de
 comprido seis palmos. No avultado
 do ventre sagrado se reconhecem as
 esperanças do parto. Está com a
 mão esquerda sobre o peito e a di-
 reita estendida. Está cingida com

hua correa preta, lavrada na mesma pedra . . . »

Vinha outra nas alturas de Tomar, e estava na «Casa de Nossa Senhora do O', situada junto ao rio Nabão na freguezia de S. Pedro da Bibiriqueyra . . .

«He de pedra, a sua estatura são quatro palmos, vê-se com o ventre crescido e a mão direita sobre ele e na esquerda um livro aberto . . . »

Nestas duas, cuja descrição transcrevo pelo que as figuras são de semelhantes á imagem de Coimbra, ha referencia especial ao ventre; em muitas outras porem é citado apenas o titulo da invocação: assim a Senhora do O', de Aguas Santas (Leça do Bailio), a de S. Ovaia de Baixo (Besteiros), a das Còrgas (Penalva de Viseu) e muitas mais.

Nenhuma destas escultúras é posterior ao seculo xv. Com o gotico medraram e se espalharam pelo paiz e com o terminar dele findou o seu dominio. A Renascença fez desaparecer de todo os vestigios de um realismo que ela já não comprehendia na religião.

O culto da Expectação continuou até nossos dias, mas nunca mais canteiro algum ousou desbatar na pedra rugosa a curva panda de um ventre, sob as roupagens distendidas e os cintos alargados . . .

A denominação generica de todas estas imagens é a de Senhoras do O', ou da Expectação e narram os hagio-

graphos dos seculos xvii e xviii que a origem da designação remonta a tempo dos godos. No ano 8.º do reinado de Recesvinto (ano 661), foi instituida em concilio celebrado em Toledo, a festa da Expectação do parto da Senhora.

Costumava a igreja e costuma ainda, cantar nos sete dias que precedem o natal umas antifonas que todas principiam pela letra O e, como dizia um desses autores, «Clausula o Officio Divino com huas vozes sem concerto, nem harmonia, dizendo todo o clero e todo o povo, a gritos, O, O, O. Destes O, O, teve principio o intitular-se esta festa, do O, e tambem o dar-se este titulo á mesma Senhora em suas Imagens, que era o mesmo que intitular a Senhora em seus desejos: ou celebrar a festa dos desejos da Senhora.»

E' interessante, como se vê, a origem da designação e não deixa de ter um certo encanto a transformação popular do O ritual, no O fervoroso e ansiado de esperança materna.

Instituida a festa na Espanha, na vizinha Toletum e como em Portugal a abundancia das já citadas virgens comprova o quanto ela se espalhou pelo paiz, facilmente se comprehende que não terá sido menor a sua dispersão pelo resto da Peninsula; não vi porém ainda, em livro ou revista de arte, cousa alguma que me autorise a acreditar que este culto e a sua realista representação, se houvessem espalhado na Italia ou

na França. Pelo espanto que um estrangeiro, membro do ultimo congresso do turismo, o artista e pintor Jan Matteix, de Toulouse, me significou quando lhe mostrei a *Virgem pejada* do Museu do Instituto, que afirmou ser a primeira que assim via e logo desenhou, acabei de convencer-me de que esta representação antropomórfica não passára os Pirineus.

De resto ha muitas outras cousas da igreja que são peculiares a Espanha e a Portugal; é muito possivel que este culto não existisse sequer fóra da Peninsula.

Evidentemente a instituição desta festa teve como a de tantas outras a utilidade e o fim claro de cristianizar um culto pagão á Fecundidade, existente entre os ibero-romanos.

As representações escultúraes das virgens d'hoje, não passam de copias de escultúras anteriores, pagãs; assim as virgens sentadas com os *bambini* ao colo, aparecem já com frequencia entre as *deae matres* do panteon latino, ou nas figuras da Demeter grega do seculo v, tão delicada e deliciosamente creadas no barro pelos coroplastas beocios.

Sem pretender agora fazer uma ligação ou estabelecer uma continuidade tradicional completa, para que me faltam alguns elos, sempre quero referir-me ao quanto este realismo artistico que fazia representar, deificada, a mulher gravida,

remonta longe nas épocas e nas civilizações.

Desde as primitivas eras o misterio da Fecundidade impressionou os povos; nada portanto mais natural do que a divinização desse misterio que os fazia viver, e essa divinização unia na mesma veneração a mulher e a natureza, uma imagem da outra, ambas igualmente fecundas e creadôras.

Descobertas recentes teem resuscitado dos estratos arqueologicos pequenas figurinhas de barro, *terre cotte* rudimentares das idades do bronze e da pedra polida, longiquas antepassadas das tanagreanas de Difilos, representando divindades, em que ao lado de idolos femininos de fôrmas normaes se encontram outros de ventres rotundos. Estes descobrimentos fizeram-se no Egipto neolitico, em Malta préistorica, na camada micenica de Phaestus, etc., e até foram achados dois idolos deste genero em Adulis (Colonia Eritrea), do seculo v depois de Cristo.

Dedicaram-se ao assunto alguns dos melhores trabalhadores da Arqueologia, e pelos estudos de sabios como Mosso, que lhe reservou um capitulo da sua Preistoria, chega-se hoje a conclusão de que desde os mais remotos tempos o homem adorou a mulher pejada, simbolo da Fecundidade.

As Senhoras do O', não vieram afinal senão continuar uma tradição religiosa muito antiga.

: VERGILIO CORREIA :

THEOPHILO BRAGA E OS POETAS PORTUGUEZES

Foi escassamente concorrida de poetas a festa de Theophilo. Se exceptuarmos Affonso Lopes Vieira, que para ella escreveu um rapido soneto, e não considerando como poetas alguns fazedores de livros de versos que em rimas, ou em pessoa, acompanharam a homenagem do povo da capital, verifica-se que Theophilo Braga se viu abandonado dos seus confrades na divina poesia. E eis uma grande, grave e inexplicavel falta.

E' possivel que Theophilo não dêsse pela auzencia dos poetas. E' possivel, mesmo, que para elle proprio, como para muita gente, a consagração do dia 24 de março tivesse apenas o intuito de celebrar o escriptor e o politico, e, sobretudo, o presidente do Governo Provisorio da Republica. E' possivel, é provavel mesmo. Isso não me impede, porém, de julgar que os poetas portuguezes perderam uma admiravel ocasião de proclamar o seu *direito á vida*, reclamando para o seu gremio a alta figura do Mestre, que deve a sua justa celebridade, não só á sua vastissima erudição, mas sobretudo, mas fundamentalmente a um sentimento d'ordem poetica: — ao seu amor profundo, ineluctavel, quasi cego, pela nossa patria.

Ha, decerto, um amor patriotico que não pode comprehender-se na cathogoria dos sentimentos poeticos, se bem que seja egualmente nobre

e dignificador: — é aquelle que se exteriorisa por meio de leis e de reformas, d'actos immediatamente utilitarios, de medidas de fomento commercial ou industrial. . . Mas o amor da patria, que tão accentuadamente caracteriza Theophilo, traduz-se na mais desinteressada emoção, tem qualquer coisa de enternecimento e de carinho, de paixão ciumenta e teimosa; e fe-lo prescrutar a vida intima do povo portuguez no desejo, melhor direi, na crença de encontrar-lhe vitalidade, força e certeza de triumpho social, com o mesmo gesto avido e impaciente do amante que nos olhos da mulher amada procura o alvorecer claro e doce d'uma esperança sonhada. . .

Attitude eminentemente poetica esta; attitude que cada um dos volumes, para não dizer cada uma das paginas de Theophilo, acusa com innegavel evidencia e precisão. Dir-se-hia que elles não teem outra unidade que não seja a derivada d'essa maneira de ser do auctor; e a verdade é que, mesmo d'essa monumental *Historia da Litteratura Portugueza*, entre tantas hypotheses e tantos documentos, entre tanta critica e tanta intuição, só um grande clarão parece saír, um grande clarão de entusiasmo por tudo quanto é portuguez, uma grande chamma de fé em tudo o que representa a victoria da nacionalidade. . .

Ora essa attitude teve durante muitos annos um aspecto verdadei-

Theophilo Braga e os poetas portuguezes

ramente romantico, uma apparencia verdadeiramente platonica: nem as razões d'ordem scientifica com que Theophilo procurava defini-la, e mante-la, appareciam aos olhos dos contemporaneos como taes: — al-cunhavam-nas de chymeras.

E é forçoso confessar que, por mais intelligentes e profundas que fossem, não tinham quasi valor ao lado do violento sentimento em que se baseavam e que, por assim dizer, não se contentava em acompanhá-las ou precedê-las: mas suscitando-as, creava-as — pela propria força da sua violencia avassaladora.

Assim, nunca me pareceu encontrar em nenhum dos seus livros uma serie de raciocinios, rigorosamente deduzidos uns dos outros, ou dos factos e documentos estudados, formando cadeia, desenvolvendo-se em linha recta; mas sim razões, motivos, justificações, agglomerando-se em volta d'um sentimento central, para o sustentar, ou, melhor, para lhe tornar mais largo o raio de acção, para o fazer irradiar com mais brilho, mais pureza e a maior distancia.

Se este ponto de vista é verdadeiro e justo, podemos afirmar que o elemento solido e perduravel da obra erudita de Theophilo é, afinal, — a emoção lyrica, isto é, o mesmo elemento que não deixa morrer a obra dos artistas e, sobretudo, a

obra d'aquelles que em rytmos e rimas realisam o seu sonho d'arte. Por isso eu extranhei, e extranho, que na festa de Theophilo não apparecessem os poetas, dirigindo-a, orientando-a, dando-lhe uma significação mais larga, mais viva, mais geral ainda do que foi a que ella teve. Prestando homenagem a um grande portuguez, que soube se-lo atravez de todas as humilhações e de todos os abatimentos do paiz, e lutar contra a desnacionalisação profunda dos homens mais representativos da sua geração, os poetas da nossa terra teriam festejado a sua propria victoria, o seu proprio triumpho: — o triumpho, a victoria do sentimento poetico, da emoção lyrica. . . E teriam tambem demonstrado, collaborando eficazmente n'uma manifestação tão bella, em que sobretudo se glorificava o povo portuguez na pessoa d'um dos seus maiores defensores, d'um dos seus mais convictos e fervorosos crentes, que sabiam honrar-se em ter, entre os seus ascendentes espirituaes, o portuguesissimo Luiz de Camões; o poeta maximo que nos *Luziadas* nos ensina o valor, a virtude, o significado nobilitante e altissimo d'essa palavra tão mal comprehendida e tão malbaratada hoje, especialmente por aquelles que d'ella mais se teem servido e abusado; a palavra forte, a palavra ardente, que define por completo a vida moral de Theophilo Braga: — patriotismo. . .

: A UM POETA :



CABO agora mesmo de cerrar, após duas horas de pausada e meditada leitura, o seu ultimo livro — *Poema da Espuma*, que você pretende apresentar como a obra de uma sensibilidade moça e rutila que, não podendo ainda corresponder-se com a vida nas formulas severas do pensamento filosofico, encontra nos simbolos e figurações da arte o unico processo de dar vasão aos alvoses de bellesa que o spectaculo das coisas suscita na sua alma migradora e avida de Desconhecido.

Devo dizer-lhe, porém, com o espirito de verdade que os annos maiormente impõem ao meu culto, que a sua adoravel juventude era digna de melhor feito que encerrar em duzentas paginas de lirismo os primeiros deslumbramentos de uma crença que rebenta das raizes do seu ser tão viva e natural como o sol que se levanta da graça promissora da aurora. Você acredita na sinceridade do mundo — desde a que se lê nas macias ondulações de uma paisagem até á que os homens, nas suas oratorias de maior preço, celebram, para mais arditosamente encobrirem a ruindade das suas mentiras...

Pois, meu amigo, o seu volume de versos fica abaixo, mesmo muito abaixo, da sua fé, porque não consegue traduzir, com o forte relevo de uma estreia inexperiente mas inspirada, o fogo que interiormente o

devora. Sente-se bem que, enquanto você compunha estrofes, sentado junto da sua banca de trabalho, porventura apertando entre as mãos crispadas a fronte pendida no canção inerte, que sempre acompanha as difíceis iniciações litterarias, o seu sangue bravo e juvenil, os seus nervos, os seus musculos e o seu proprio cerebro se esquivavam por instincto, clamando a sua revolta, contra a dura sujeição, a tirania feroz de terem de colaborar n'uma tarefa que lhes desagradava.

Eu, depois de o ler, obtive esta revelação, que lhe comunico — se ainda não tem bem decidida a sua entrada nas letras, suspenda-se e interrogue-se com cuidado e sem paixão, a ver se consegue descobrir melhor caminho, para o effeito de levar a sua pessoa aos trofeos de que será merecedora.

O seu *Poema da Espuma* não possui uma só das qualidades que annunciam um poeta, porque, aparte uma ou outra nota mais esperta, uma ou outra imagem mais graciosa, accusa todos os defeitos incompatíveis com a arte subtil e fluidica de prender emoções e caprichos raros da fantasia na gaze finissima das rimas. Lá que você leu Anthero, João de Deus, Cesario, Nobre, João de Barros, Lopes Vieira, Paschoaes e Correia d'Oliveira, percebe-se sem dificuldade, pois que todo o seu esforço se reduz a resmoer os ritmos tocantes de tão egregios vates, o

: A UM POETA :

que deixa a sua musa completamente despersonalizada, sem a plumagem preciosa de um collo de cisne.

Os mestres afinam o gosto, educam as curiosidades ardentes dos que começam, ensinando-os a seguir o verdadeiro trilho em que o seu temperamento se formará, mas não podem criar uma vocação, attento que isso compete á natureza, que derrama as energias cerebraes e sensitivas, consoante leis absolutamente desconhecidas. Sentimento e coração tem-nos você em quantidade, simplesmente acontece que não se prestam ás seduções tentadoras da poesia.

Adivinha-se no seu peito uma larga vitalidade, uma ancía irrepri-mível de fazer da sua biografia um labor e um lavor que affirmem simultaneamente uma rude vontade de poder e um suave enleio de bellesa... Não é mesmo necessario ser profeta para descortinar tal coisa!

Mas julga que é bastante?

Felizmente não é, aliás as artes e letras tornar-se-hiam de um cultivo tão prompto e facil como as batatas ou os morangos. Toda a gente encerra nos seus nervos uma verdadeira orchestra... para uso pessoal e intransmissivel.

Não existe ninguem tão desgraçado que não conserve dentro de si uma lira ou um alaúde, em que riam as suas alegrias ou chorem as suas penas.

Até se dá o seguinte interessante caso — as creaturas de sensibilidade mais copiosa e ebulliente não são as mais artistas. Se a cada um fosse permitido fazer do seu soffrimento ou das suas volupias um poema, a poesia não chegaria a ser uma das artes mais queridas do engenho humano. Nunca passaria de reles e chata vulgaridade.

Para se ser poeta, pintor, romancista, desenhista ou ceramista — tomando, claro está, estes vocabulos no seu sentido mais alto — indispensavel é trazer do ventre das mães uma maneira especial de sentir — o sentido artistico. Quem o não tiver, poderá esmagar o craneo n'uma bigorna que nunca fará mais que decalques e imitações, talvez dignas de estima, mas nunca de admiração.

Quer que lhe aponte uma das insuperaveis lacunas da sua obra-sinha?

Carencia total de imaginação, ausencia completa d'esse dom magnifico que transforma as sensações em imagens e estas em representações simbolicas do esparso e vago espiritalismo que vem a ser, no fim de contas, a essencia irreductivel do universo. Em litteratura não ha tentativa que vingue sem a intervenção effiz das faculdades creadoras.

Denuncia-as o *Poema da Espuma*? Não, nem um pallido reverbero.

N'estas condições negativas, não acha curial e excellent demandar

∴ A UM POETA ∴

outras paragens, onde fructuosamente empregue os recursos e habilidades que todos nós recebemos em partilha, afim de justificarmos, pelo trabalho honesto e remunerador, a nossa passagem entre os homens?

A natureza extrema as aptidões, os talentos, as inclinações, os corpos pelo feitio e as almas pelas suas aspirações. Pergunte-lhe você, com proposito de acertar, o que ha-de fazer para entrar no exercicio das suas funções pessoases.

Ame sempre a arte, porque assim terá, a toda a hora, sobre a sua consciencia, um clarão de imortalidade; mas deixe-se d'esse ingrato papel de creador e productor de bellas visões e aparições, aliás corre perigo de descambar numa maneira de actividade picaresca, vergonhosa para um homem a serio. Deite-se

ao amanho dos seus campos, ao manejo dos negocios ou ao lucro das empresas industriaes, occupações que se me afiguram proprias para você mostrar tudo o que vale e pode.

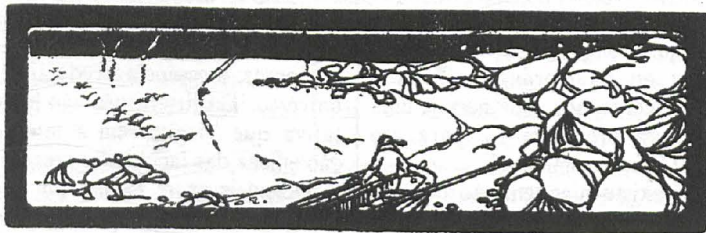
Ajuntar riqueza é assumpto mais importante que perguntar ao mar, ao rio, ao lago, á torrente ou á cascata a fisica e a metafisica das suas espumas.

O meu amigo não nasceu para as amarguras do idealismo, que é pobre e infeliz. O seu vasto arcaboço requer mais prosa e negocio que versos e visualidades. Sacrifique-se ao amôr do lar e não á religião sem altar do Bello.

Na arte busque o praser puro que ella leva aos interiores fartos e felizes, mas não se arvore em seu paladino.

Curvo-me, perante o seu futuro saudavel de homem de acção.

: JOAQUIM MARTINS MANSO :



ARMA DE DEFESA...



E SAIA . . . OU ATIRO-LHE
COM A PEDRA PHILOSOPHAL!

DESENHO DE
ALMADA NE-
GREIROS ∴ ∴ ∴

∴ O PAVÃO, O PERÚ E O GALLO ∴



Encontraram-se os tres numa capoeira,
E cada qual,
Como era natural,
Indifferente á vida passageira,
Breve a findar em dias de Natal.

Nisto,

Diz o gallo ao peru,

Por ser ou mais attento ou mais previsto:

«Não vês tu

(Em tom de chufa)

Aquelle pássaro comprido

—O pavão— a impar tão presumido?!

E elle não canta, guincha! . . .»

Logo o peru todo se entufa

Incha

E falla assim:

«A voz é detestavel, com certeza,

E quanto ao seu aspecto de belleza

Pff! pff! repara em mim. . .

Mas sem favor! . . .»

O interlocutor

Contemplou-o

E não lhe deu resposta. . .

Dizer mal, cara a cara, ninguem gosta.

Prepara então um salto,

Levanta vô,

E lá do alto

° O pavão, o peru e o gallo °

Do poleiro
Olha-os primeiro,
Ao peru e ao pavão,
E depois canta com satisfação:
«Cócórocó!

«Afinal sou eu só,
Aqui neste recinto,
Quem se conhece!
E ai de mim se acontece
Dizer tudo o que sinto!
Cada um que me oiça mais se inflama
No que de si presume e tanto ama!»
«Ora como elles julgam valer tanto!
Um guincha, o outro é rouco...
Eu sei que valho pouco
Mas eu, ao menós, canto...

Canto a minha alegria,
Canto o meu hymno
Que é uma prece,
Feita ao sol a pino
Quando é meio dia!»
«De resto sei bem
Que a penna doirada,
Embora invejada
A'quelle que a tem,
Não vale de nada
Nem serve a ninguem!»

° O pavão, o peru e o gallo °

Assim é, na verdade:
A inveja
E a vaidade,
Qualquer que seja
A nossa qualidade,
Ficam-nos sempre mal!
E' melhor — di-lo a experiencia —
Ninguem a seu respeito
Exceder nunca o proprio orgulho feito
Apenas do que vale
Em consciencia.

10 Abril

: JOÃO DE DEUS RAMOS :



: CARTA A AFONSO DUARTE :

QUIZ-ME parecer que o meu amigo, ha dias, ficou um pouco duvidoso acerca daquela creatura que eu lhe apresentei.

Mas, como se deve lembrar, o comboio partiu e eu não tive tempo de lhe dizer, a valer, quem era esse homem exotico, mas interessante, com quem eu gostaria de o ver a conversar longamente.

Conheço-o ha muito, o que equivale a dizer que o aturo ha muito; e d'aqui vem a minha estima por esse rapáz a quem já uns cabelos brancos teimam em querer aparecer antes de tempo.

Fiquei com pena, com imensa pena, que o diabo do comboio não desse tempo para uma conversa, rapida que fosse, mas que ao menos desse logar a que o meu amigo lhe ouvisse qualquer frase, embora tirada a forceps do fundo da sua imensa modestia.

Mas o meu caro poeta mal teve tempo, depois da banal apresentação: «o sr. Afonso Duarte... o meu amigo Nuno Carreira...» de lhe dar um aperto de mão desconfiado e de lhe ouvir insulsamente dizer-me:

— Adeus, Estevam... Não te esqueças de me comprar o *Borda d'agua*...

Francamente, esta frase, dita assim, não era de molde a servir de base a uma apreciação larga dum talento — talento que eu desejaria

ver brilhar aos seus olhos, amplamente, fóra daquele ambito sujo de *gare* portuguesa e sem a preocupação infeliz dum calendario de vintem.

Envergonhei-me quasi, e esperei que passásse algum tempo para esquecer o maldito *Borda d'agua* e eu lhe podésse mostrar o homem, a valer, quer aqui, na cidade das luzes, quer em casa dele, no pacato remanso de Coselhas, lá ao fundo, quando as ondulações do vale comecem a subir para a serra.

Mas hontem, quando passei pelo meu amigo ali em baixo, quiz ver no seu cumprimento uma ironia, uma fina ironia, como de quem me dizia afavelmente:

— Então já comprou o *Borda d'agua* para o seu talentoso amigo?

E aqui tem porque me senti hoje á meza e como quem cumpre um dever, vou falar-lhe do Nuno Carreira, para que não mais me arisque a outro olhar ironico, como o d'ontem, ali em baixo, na rua.

Pode crer que o Nuno não é merecedor disto; tenho a certeza de que, se o conhecesse, gostaria dele.

Só a casa onde ele mora! Se o meu amigo lá fôr um dia, verá: ao dar com a casa fica-se simpatisando com o morador...

Aquelas paredés com trepadeiras, com janelas largas quasi sempre fechadas, denotam logo gosto e... modestia.

Porque, deixe-me desde já dizer-lhe: a modestia é a base do seu ca-

: CARTA A AFONSO DUARTE :

racter, e a *plataforma* de todas as suas ações — levada a um extremo que chega a ser estranho.

Vive recolhido naquele fundo do vale, isolando-se, não querendo quasi saber o que vae pelo mundo, entregue aos seus livros que são muitos, num quarto de trabalho cheio de cousas simbolicas, desde um quadro representando D. João de Castro a entregar á camara de Gôa o penhór duns pelos da barba, até uma aguarela em que o conselheiro Julio de Vilhena renuncia modestamente ao encargo, pesado demais, da chefia do partido regenerador.

E dali não sáe, porque receia que alguém pense que a sua presença na cidade seja para lembrar, para fazer lembrar, o seu valor de homem de saber e de caráter.

Tenho-lhe querido mostrar o erro em que se afunda, fazendo assim com que o seu merecimento seja uma cousa nula; mas ele diz-me sempre:

— Olha, Estevam: se eu tivesse valor, certamente já me teriam chamado.

E nesta resolução vive e passa os dias, lendo as velhas cronicas portuguesas e escrevendo bocados de prosa humoristica, que são bocados d'oiro, excelentes bocados de prosa que ele ás vezes manda a um ou outro amigo, á laia de missiva banal e que assim se perdem pelos cestos dos papeis.

E quando lhe lembro a neces-

sidade de recolher esses bocados todos, colécional-os, dar-lhes contectura, publical-os, ele acolhe os ombros e diz-me tristemente:

— Se a minha prosa tem valor, para que a hei-de publicar? Iria appear esses prosadores todos que aí pontificam, e... eu não gosto dessas cousas. Sabes que não quero mal a ninguém.

Eu, ás vezes, digo-lhe que ao menos os estudos historicos, os resultados de pacientes investigações a que se entrega, ao menos, esses, que venham para a luz! E olhe, Afonso Duarte, olhe que ele tem estudos de funda e larga erudição — como aquele em que averiguou á face de documentação irrefutavel, quantas punhaladas levou Inéz de Castro, na scena tragica do horrivel crime. Mas a resposta é idêntica: os seus manuscritos, se teem realmente valor, ficarão para os vindouros como raridades bibliograficas.

E fica-se, teimoso, naquela modestia estúpida, — e logo desvia a atenção para qualquer peça de faiança do seu quarto de trabalho, ou para qualquer novidade literária que tenha sobre a meza.

Como vae vendo, é um tanto ou quanto exotico o meu illustre amigo Carreira.

Mas a serenidade daquela vida! A calma daqueles dias recolhidos!

Quando se proclamou a Republica, o povinho dos arredores, com arruido, foi deitar-lhe á porta fo-

: CARTA A AFONSO DUARTE :

guetes, gritou, deu vivas; e alguns homens mais «bem falantes» que subiram a casa disseram, entre outras cousas, — que enfim chegára a epoca de se fazer justiça... Eu, nesse mesmo dia, fui abraçal-o, felicital-o pelo triumpho definitivo dos seus velhos ideais e tambem lhe disse internecido:

— Até que enfim, ó Nuno! se vae fazer justiça!

Mas vi-o triste; teve um sorriso de quem sofria:

— Justiça, a quem, homem? a mim?

— Pois! E' necessario que appareças! Agora é um crime tu ficares em casa, é preciso que saías daqui e que sejas util...

— Mas como? dizia-me ele.

Teimei, discuti, e ele, inabalavel, não se reduzia. Continuaría ali, em Coselhas, com os seus livros, com as suas trepadeiras que naquele outôno ainda estavam muito verdes — e nada queria da politica.

Consegui, a muito custo, que ele mandasse um cartão de parabens a X... que fôra elevado a ministro e de quem era conhecido e, julgava eu que apreciado — pensando ingénuamente que esse cartão ao passar pelos olhos do politico, lhe illuminasse o espirito e lhe fizésse lembrar o Nuno, o seu caráter, a sua intransigencia de creatura honesta e modesta...

Mas, meu caro Duarte, voltando lá quinze dias depois, o illustre Carreira, alegre, com ar de triumpho,

mostrou-me um sobrescrito de cartão de visita:

— Vê, Estevam, se eu tenho ou não razão... Ninguem me conhece, homem; até me' trocam o nome... Vocês é que fazem de mim uma cousa que não sou.

Eu olhei para o sobrescrito: a direção era: *Nunes Carreira*, e dentro, um bilhete do ministro com a palavra impressa «agradece», á laia de circular...

— Já vês, Estevam: se eu tenho ou não razão...

E dizendo isto, abriu uma larga cadeira de lona, desceu ao jardim e recostando-se com indolencia, disse-me:

— Olha, Estevam: tu és bom rapaz... Convence-te de que ninguem suspeita da minha existencia.

E cofiando as barbas, olhava com enternecimento para o poente, onde se desenhavam uns eucaliptus solitarios sobre o ceu alaranjado.

E na verdade...

Ha tempos, o curso dele, lembrou-se de festejar não sei que anniversário de formatura em Coimbra. Nuno foi avisado; e, na circular, um dos signatarios pôz a nota amavel «não falte!»

Nuno pensou, olhou a circular, mirou-a, remirou-a, foi ao *Anuário* e viu os nomes dos seus condiscipulos todos — e descobriu que a maior parte deles estava colocada em altos logares do estado, alguns mesmo em vespera de sobraçar uma pasta ministerial. Deixou correr o

: CARTA A AFONSO DUARTE :

tempo e... não foi á comemoração. Eu, que li nos jornaes a noticia, perguntei-lhe:

— Então tu vae ao banquete?

— Não, não vou... Bem vêes que esses figurões todos naturalmente já não me conhecem... Em estudantes, eramos mais ou menos eguaes; hoje... o caso é diferente. Olha: eles sabem muito bem onde eu móro; e demais... sinto-me velho!

D'af a dias perguntei-lhe:

— Então, Nuno, os teus condiscipulos viéram cá?

— Nem um.

E tem graça que ele fica triunfante sempre, porque próva assim que é um desconhecido e que nada vale — eterno argumento da sua modestia descabida.

As honras encomodam-no, a popularidade, os encomios; porque, alem da modestia tem o horror das consagrações — contando sempre a proposito a anedota do Infante

D. Pedro que recusou uma estatua, para que não tivessem o trabalho de a derrubar.

Já vê o Afonso Duarte que o meu amigo Nuno Carreira não é um banal de *Borda d'agua*, como lhe poderia parecer; é uma creatura apreciavel, de talento *sui generis* talvez, mas com uma dóse de «pêlo» que o faz viver enterrado no seu retiro encantador de Coselhas — onde ha milheiraes exuberantes, e uns regatos que cantam em pequenas quedas; onde ha pinhaes tristes e casas antigas que ainda deitam, sobre os atalhos, o ar senhoril dos velhos brazões.

E já que desabafei e me vinguei do seu olhar irónico de ha dias, acabo — convidando-o para brevemente ir comigo por uma tarde amena, a Coselhas, beber um pouco de modestia a esse imenso arsenal de estúpida modestia.

Sem mais, um abraço do

Seu amigo

: ESTEVAM CORREIA :

13 de Abril de 1912.



: HORA CREPUSCULAR :

(Ao J. de Lebre de Lima)

Luz indeciza, luz apenumbada,
Agonia da tarde... Sol auzente...
Olhos de sombra a olhar 'squecidamente
O espirito das coisas, sem vêr nada...

Pedra de ara do Sol arde o Poente
Na catedral celeste e abandonada...
E as ralas soltam a canção alada
Sem despegar, continuadamente...

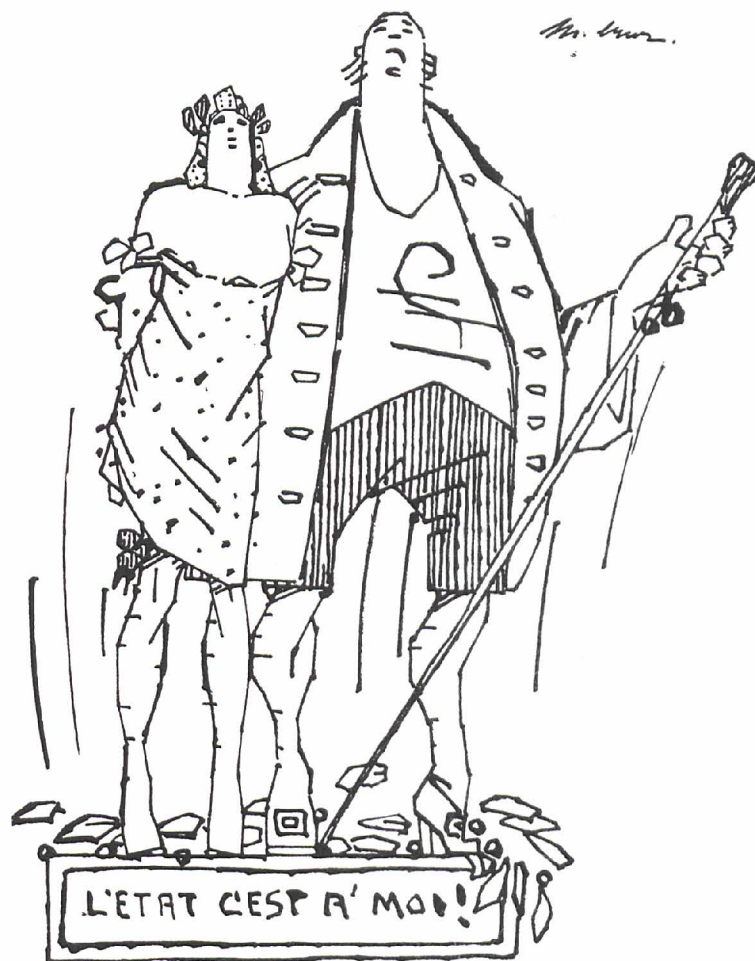
Vozes flutúam, vindas não sei donde,
Que o silencio da tarde embala e esconde,
Silencio vago, evocador e triste...

— Hora crepuscular, profunda hora
Em que alguem no meu peito oculto chóra
Uma dôr secular que em mim eziste...

Outubro, 1909.

: AUGUSTO CASIMIRO :

:: DOIS AMANTES ::



::: ELEGIA DO CAVADOR :::

(A Philéas Lebesgue)

I

DEUS do ceo venha em meu rogo
Que a enchada já mal se ferra:
Grita o sol dardos de fogo
E eu ando farto de terra.

II

Ha nuvens nêgras a prumo
Sobre os meus hombros, de dôr:
Sam minha carne a pôr fumo,
Sam bagas do meu suor.

III

Vejo daqui a subir
Fumeiros da minha casa . . .
Outros que passam a rir
Custam-me os nervos em braza.

IV

Serei eu escravo dum crime
Que a Deus fizesse algum Homem?
De corpo feito num vime
Minhas lágrimas consómem.

V

Deu-me Deus a vida cara:
P'ras nuvens se vae meu ganho . . .
Custam-me os olhos da cara
Donas das terras que amanho.

Ereira de Montemor-o-Velho, 910.

: AFFONSO DUARTE :

◻◻ LIVROS ◻◻

ANTEU, poema por João de Barros



João de Barros é o poeta da vida. Em toda a sua obra, obra sã e vigorosa de homem ha a emoção creado-

ra dos que vivem construindo. Os seus versos são para cantar na primavera quando as flôres como boccas avidas de beijos cantam a symphonia gloriosa da côr. E' cada estrophe sua um desejo insatisfeito de subir, de crear, de attingir a perfeição maxima da Belleza imperecível.

A *Terra Florida*, o seu anterior livro, admiravel pelo sensualismo forte que o anima, é feita de Alegria, carinhosa e anciosa alegria de viver e de Amôr, ardente e glorioso amôr da mulher e da natureza as fontes preciosas da vida.

Anteu é o symbolo do triumpho:

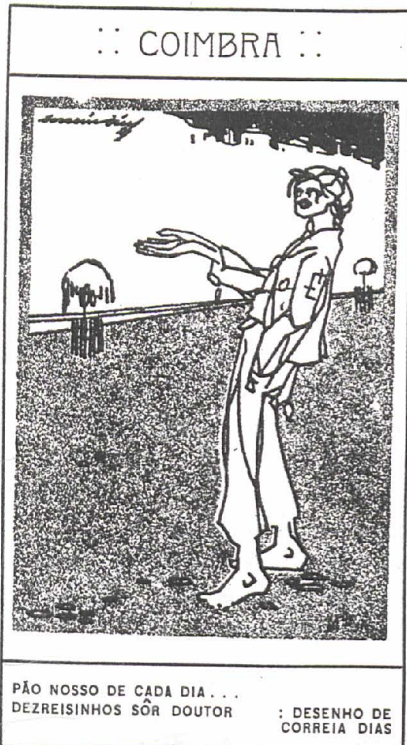
o Homem que o Ideal febrilmente aquece vence o semi-Deus que só a força eleva. — Anteu faz cair Hercules porque a Terra-mãe lhe dá a

beber a vida inextinguível.

E' esta a primeira parte do poema. Perde-se em cada rythmo uma energia e ergue-se um sonho em cada verso. Ninguém pode ser grande sem desejos. E confesso que se ama e se vive com Anteu nos cantos de epopeia que são as suas palavras humanas, claras, anciosas.

A segunda parte do poema é a tragedia do sacrificio: — Anteu, cuja voz encantou sempre a

multidão com a sua musica e a dominou com a sua verdade, vê-a revoltada contra si. A serenidade que o encaminha para o mar em busca das caravelas que partiram, vale-lhe a



PÃO NOSSO DE CADA DIA . . .
DEZREISINHOS SÔR DOUTOR

: DESENHO DE
CORREIA DIAS

◻◻ LIVROS ◻◻

morte ali, junto das ondas em cujo rythmo elle aprendeu o segredo de dominar. E' então que o *filho de Anteu* pede um navio. Já as azas das caravelas voam ao longe, de volta...

— Duma aspiração que morre nasce outra mais ardente, mais bella e mais promettedora porque é *carne fremente, sangue exaltado, alma vibrante de esperança nova.*



A EVOCÇÃO DA VIDA, por Augusto Casimiro

E' um canto de commovido enternecimento. Augusto Casimiro desde a *Victoria do Homem*, nos *Versos d'amôr* como na *Tentação do Mar* que vem affirmando o seu temperamento ardente: — alma em que o sentimento ascende ao extremo, olhos que penetram até á alma — *os olhos puros da sua commoção.*

Os seus versos, fortalece-os a todos o entusiasmo das coisas sentidas porque elle *vive na sua vida a sua arte.*

A *Evocção*, obra de carinho e de anceios, plena de visões longinquas, claridades devotas e canticos extasiados é já não obstante ainda o seu transcendentalismo exagerado por vezes, a fuga das pesadas metaphisicas que mal influenciaram o poeta de começo.

Ha em todo o livro um grande

alvorço — toda aquella interminada febre embriagadora de Arte que só os poetas costuma consumir. Os *Sonetos da Vida* são inspirados e bellos e na *Minha alma* rasgam-se vãos largos de idealidade.

Trata-se pois da obra de um poeta que, pena é nem sempre possa fazer arte para todos como seria talvez o seu maior desejo.

— Pintou Antonio Carneiro para a capa d'este livro um corpo deformado de mulher cujos olhos seguem a linha evocadora do poente. Essa mulher tem na esquerda a lyra e com a direita aponta os longes do crepusculo. E eu achei razão á sanguinea do poeta pintor como se accordou em chamar-lhe. Na religiosidade ascencional daquella hora fica bem a nudez imperfeita da vida.

Albargada, 5-4.

: NUNO SIMÕES :



: CHIMERAS :

NUMA diáphana manhã d'Abril,
Os olhos postos em astral nascente,
Architectei um sonho reluzente,
Recamado de luz primaveril.

Doces visões de esp'rança juvenil,
Meigos docéis d'azul opalescente,
Brandas ondas de luz aurifulgente,
Imagens de seráphico perfil,

Surgiram a meus olhos anhelantes!
Esplendorócos, rútilos, distantes,
Hôrtos d'amor, de virginal amanho...

Ao encetar, da vida, o arduo trilho,
Dum fogo-fatuo me sorriu o brilho...
Foi tudo o que sonhei e que não tenho.

Lisboa, Março de 1912.

: MOTTA CABRAL :



Segundo o progresso de Faro
Preparado por
F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o **Depurativo ASSIS** o que mais radicalmente cura as doenças syphiliticas em todas as suas manifestações. Opéra com resultado extraordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharmaceutico que mais auxilia o funcionamento de todo o organismo, combatendo efficazmente o virus syphilitico. — Os seus efeitos, não são modernos, pois bastantes individuos devem a vida a este maravilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias nocivas para qualquer orgão, e é um tonico poderoso, excitando o appetite, aumentando o numero de globulos vermelhos do sangue, assim como o peso dos doentes. N'este preparado entra como grande auxiliar um producto chimico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inorganica, Dr. Imbert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix mais, do meio dia á uma hora.

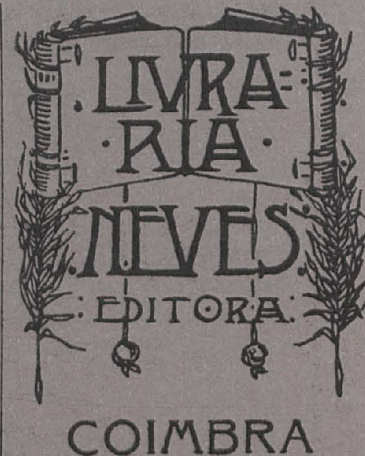
Cada frasco, 1\$000 réis
DEPOSITO GERAL —
DROGARIA FALCÃO
42, R. Nova do Almada, 44 • LISBOA



CARTAZES ♡
VITRAES ♡
♡ **CAPAS DE**
LIVROS ♡ ♡
PASTAS ♡ ♡
EX-LIBRIS ♡
♡ **PIRO-GRA-**
VURA ♡ **MO-**
VEIS ♡ **ETC.**

por *Amieiro*

COIMBRA — L. da Feira, 16



□ □ □

= Trata de todos
* * * * *
os negocios uni-
* * * * *
versitarios e está
* * * * *
apta a satisfazer
* * * * *
qualquer encom-
* * * * *
menda de livros
* * * * *
ou outras publi-
* * * * *
cações nacionaes
* * * * *
e estrangeiros. ==

